

DAMÁRIO DACRUZ, BIOGRAFADO A “TODO RISCO” – HISTÓRIA DO POETA E FOTÓGRAFO QUE CONTRIBUI SÓCIO- CULTURALMENTE PARA A CIDADE DE CACHOEIRA

Elton Vitor Coutinho¹

Resumo: Essa pesquisa faz parte do projeto *A construção social do corpo no Recôncavo Baiano*. Propõe-se aqui, um resumo sobre a vida e a obra do poeta e fotógrafo soteropolitano, residente em Cachoeira-Bahia, Damário Dacruz. Essa pesquisa é baseada na importância que ele tem e trouxe para as cidades do interior da Bahia e levou essa importância para fora do Brasil através de suas obras. Além disso, essa pesquisa traz o interesse em divulgar a vida e a obra de um homem comum, mas de grande relevância social. Essa pesquisa originará num livro-reportagem, em formato biográfico, do artista em questão. Desta forma, o aporte metodológico utilizado vem dos estudos sobre Jornalismo Literário, de entrevistas orais e da sociologia.

Palavras-chave: Damário Dacruz – biografia – Recôncavo Baiano

O livro-reportagem tem uma importância significativa na contemporaneidade, pois ele não se limita aos padrões tradicionais do jornalismo cotidiano e tenta reproduzir a realidade da forma mais completa possível. Sendo assim, estende a leitura do real, dando ao leitor outras maneiras de interpretar a realidade.

Para a construção da grande reportagem, existem algumas etapas que justificam o livro-reportagem enquanto meio ideal para ser trabalhado aqui. As etapas são: pauta, captação, redação e edição. Falando detalhadamente apenas dos dois primeiros, a pauta, no livro-reportagem, aparece de forma mais ampla, pois, entre outras coisas, não se limita a periodicidade. Dentro da pauta, existem tipos de liberdade que restringem ainda menos a maneira de como se trabalhar os temas – liberdade de angulação, temática, de fontes, temporal, do eixo de abordagem e liberdade de propósito. A segunda etapa, captação, é realizada de forma mais rica e precisa, através da interação nas entrevistas. Além destas, outro método de captação interessante, oriundo das ciências sociais, é a observação participante.

¹ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), pesquisador do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Arte e Patrimônio e bolsista PIBIC, vinculado à Fapesb, orientado por Danillo Barata. elton_vitor@hotmail.com.



Dentro dos formatos e gêneros traçados no livro-reportagem, a biografia é que ocupa um espaço sólido no Brasil, sendo considerada como uma narrativa que tem por função contar a história de vida de uma pessoa.

Existe grande demanda no Brasil e no mundo em escrever biografias. Um dos motivos talvez seja o interesse do leitor em querer saber sobre a vida real e humana de determinado biografado, de se identificar com aquela história narrada ou até contrapor-se às suas idéias. Acredita-se também que as pessoas se interessam por biografias, pelo fato delas projetarem outra vida, outra história, outro contexto e novos destinos, levando o leitor numa viagem que tem volta e essa volta, muitas vezes, está mais próxima da sua realidade do que o próprio leitor imagina.

Por isso, escrever um livro-reportagem sobre a biografia de Damário Dacruz – o primeiro que contará sua trajetória –, vai além do traçar seu perfil, sua história e o seu olhar futurista sobre o Recôncavo Baiano, é dar destaque a um homem que contribui(u) sócio-culturalmente para Cachoeira e cidades vizinhas e aproximar o cidadão baiano ao poeta e fotógrafo aqui retratado.

Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, pós-graduado em Comunicação e Mercado pela Universidade Salvador e Especialista em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, Damário Dacruz nasceu no bairro de Santo Antônio Além do Carmo, Salvador-Bahia, em 27 de junho de 1953. Aos cinco anos de idade, já se interessava por manifestações artísticas, ingressando, desde cedo, no teatro. É poeta e fotógrafo. Suas fotografias, na maioria das vezes, expressam intimamente o que ele é e o que sente. Ora um sonhador à procura de expressões artísticas, ora um enamorado de Cachoeira, cidade que lhe concedeu, por unanimidade, em 2005, o título de cidadão cachoeirano.

“Nunca sabemos quando viramos poeta. Sei apenas quando comecei a escrever poemas”. É assim que Damário Dacruz descreve o seu marco como fazedor de arte. Entende-se Damário como uma personalidade cachoeirana, como uma pessoa que chegou à cidade logo após a enchente de 1989² e como um contribuidor social e artístico em nome da sua casa de cultura, Pouso da Palavra³. “Aprendi com Jorge

² Enchente que ocorreu em 24 de dezembro de 1989, inundando as cidades de Cachoeira e São Félix. O ocorrido deixou cerca de oito mil habitantes desabrigados, além de afetar a economia que, na época, era sustentada basicamente pelo turismo e pelo comércio. (Fonte: jornal *A Tarde* de 26 de dezembro de 1989)

³ Em 21 de setembro de 1991, Damário Dacruz comprou um sobrado em ruínas, em Cachoeira, e transformou seu amor pela cidade e pela poesia no Pouso da Palavra (espaço de arte, cultura e comunicação), inaugurado em 22 de junho de 2000 com o intuito de abrigar variadas linguagens artísticas. Integra o Pouso da Palavra, a produção poética e fotográfica de Damário Dacruz, com a

Amado que ninguém vence sozinho. Por isso, o Pouso da Palavra não se chama Atelier de Damário Dacruz. Quero o Pouso com as mais diversas linguagens da arte e com artistas trocando idéias e contribuindo mutuamente na produção de uma arte inovadora e de qualidade”, relata em entrevista.

No início da década de noventa, muitas pessoas não acreditavam na recuperação da cidade. A família de Damário, inclusive, achou na época, que a “loucura” dele tinha ultrapassado os limites, quando o poeta resolveu apostar na cidade. Enquanto muitos investiam na Linha Verde, Porto Seguro e Lençóis, por exemplo, a opção de Dacruz foi definitiva: comprar um sobrado na cidade em setembro de 1991 e criar o Pouso da Palavra.

Ele comenta que há mais de 15 anos vem dizendo aos jovens estudantes ou a quem visita o Pouso, que Cachoeira não é mais uma cidade do passado. Afirmo que ela é uma cidade do futuro e a nossa responsabilidade é enorme nas questões sobre a Cultura e sobre o Ecossistema. “Quanto mais preservarmos Cachoeira da forma que ela é mais moderna ela será”, comenta Dacruz.

GLOBALIZAÇÃO

Quanto mais
sonho com Cachoeira,
mais amanhã
em Nova York.

“Globalização” é um pequeno poema que demonstra a revolta de Damário Dacruz em relação à rapidez das informações e às mudanças bruscas que ocorrem na cidade. Foi escrito em 1999 e exibido pela primeira vez em exposição na Fundação Hansen Bahia. Hoje percorre o mundo em camisetas mostrando o grande dilema do homem moderno sob os efeitos da globalização. “Afinal, onde estamos com tanta informação que nos chega com extraordinária rapidez? Sabemos hoje mais rapidamente quantos iraquianos morreram em Bagdá do que aconteceu ontem em Cachoeira”, desabafa.

produção de outros artistas prioritariamente do Recôncavo da Bahia, cidades vizinhas e da capital baiana. O espaço agrega também galeria de arte, acervo da poesia baiana contemporânea, café literário e o atelier de criação do idealizador Dacruz. Logo após dois anos de sua inauguração, o Pouso recebeu mais de quarenta mil visitantes e até hoje recebe um número significativo de pessoas.

Tendo em vista sua paixão por Cachoeira, além de sua influência social e cultural, Damário contribuiu e ainda contribui para a cidade quando reacende a poesia no recôncavo e registra, com seu olhar fotográfico, corpos que, de certa forma, reafirmam a identidade de Cachoeira.

O biografado passa, no momento, por uma fase sensível da sua vida por estar com câncer no pulmão e, por isso, merece grande atenção por parte do biógrafo. É válido ressaltar que existirá uma preocupação em se distanciar criticamente do objeto de estudo e o assumir uma responsabilidade ética do biógrafo frente ao biografado. Pois, segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), o autor jamais deve perder de vista que por toda a amizade que possa ter com o biografado, a relação com ele está ancorada numa relação de autor-personagem.

Segundo Sérgio Vilas Boas (2002), é comum que os biógrafos prefiram biografar um indivíduo que ao menos mereça seu respeito e estimule sua capacidade individual de investigação e é esse um dos motivos que levou o realizador desse artigo a pesquisar sobre Damário DaCruz, um homem comum (não celebridade mercadológica), mas com grande prestígio social e cultural.

Livro-reportagem, Biografia e o Novo Jornalismo

O jornalismo contemporâneo, como parte integrada da comunicação, tem por finalidade primeira reproduzir o concreto, numa tentativa de informar ao público, em diversas angulações da realidade social, sobre o que acontece no mundo. É a velha função de informar, explicar e orientar. Para reproduzir os fatos considerados atuais, o jornalismo se utiliza da notícia e, quando se quer aprofundar determinados temas, utiliza o instrumento da reportagem, a fim de ampliar os acontecimentos, apresentando várias perspectivas, em várias dimensões.

Foi em 1920 que a reportagem começou a se inserir em definitivo no jornalismo. Nessa mesma época, começou a ganhar espaço em periódicos de comunicação com o viés interpretativo. Para Edvaldo Pereira Lima (2009), a reportagem pode ser definida basicamente como um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau mais amplo em relação ao tratamento tradicional nos meios de comunicação jornalística.

E é partindo do gancho da reportagem que se chega ao livro-reportagem. Este, por si só, já é interdisciplinar por agregar técnicas e conceitos oriundos de outras áreas

de conhecimento como a história e a literatura, por exemplo, e também, segundo Lima (2009), um subsistema híbrido do jornalismo e da editoração. O livro-reportagem serve para ampliar o papel do jornalismo contemporâneo-tradicional, buscando novas dimensões para o contexto da realidade como um todo. Além disso,

Universalidade, em jornalismo, significa variedade tanto no plano da abordagem de diferentes temas quanto da multiplicidade de aspectos que se aborda de um mesmo tema. (...) Portanto, um livro-reportagem isolado é dotado de universalidade, por sua vez, porque necessariamente capta e traduz várias facetas do objeto abordado. (LIMA, 2009, p. 49)

Mesmo no século XIX, na Europa, o livro-reportagem, como subgênero da literatura, já ter força, foi no século XX, principalmente nas décadas de 20, 30, 50, 60 e 80 que muitas coisas aconteceram e se ajustaram tanto no Brasil quanto no mundo. O marco se dá no final da Segunda Guerra Mundial, com a publicação do livro Hiroshima, de John Hersey. Já no Brasil, dois profissionais da imprensa marcam essa época: Euclides da Cunha e João do Rio. Depois deles, a revista *O Cruzeiro*, a *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, seguiram com o jornalismo literário.

O livro-reportagem não só complementa a imprensa cotidiana, por abordar profundamente temas pouco trabalhados nela, como foge também de alguns preceitos do jornalismo convencional. Um deles é a atualidade. O jornalismo tradicional, por ser factual, só está interessado pelo o que acaba de acontecer. Seu tempo presente é efêmero e não-duradouro. Já o livro-reportagem se preocupa com a contemporaneidade, não do aqui agora, e sim com uma contemporaneidade mais extensa.

Mesmo se valendo de muitas características da literatura, o livro-reportagem, por não ser ficcional e por fazer parte do jornalismo, apresenta três características fundamentais deste: o conteúdo, o tratamento e a função. Em termos do primeiro, o livro-reportagem se preocupa com a veracidade e a verossimilhança dos fatos. É o real que está em pauta. Em relação ao tratamento, compreende a clareza e aceitação do leitor, atingindo, através da linguagem concisa, da montagem e da edição do livro, a comunicação. E, por fim, a função, que oferece informações relevantes da contemporaneidade.

Nos casos mais bem-sucedidos, o livro-reportagem apresenta tanto um aprofundamento extensivo quanto intensivo da realidade. Na abordagem extensiva, o número e a qualidade dos detalhes enriquecem a narrativa, conduzindo-a para um grau de informação superior aos dos veículos cotidianos. Na intensiva, a verticalização

dinamiza a compreensão do tema focalizado pela reportagem, inserindo-o precisamente no contexto contemporâneo. (LIMA, 1951, p. 29)

A grande reportagem em livro evoluiu bastante com o *new journalism*. Segundo Tom Wolf (2005), a literatura mais importante escrita hoje na América é de não-ficção. Essas reportagens especiais eram conhecidas como as matérias que fugiam do padrão tradicional do jornalismo e da notícia pura e simples e, por isso, foi rotulada de novo jornalismo.

Começou-se a falar em novo jornalismo na década de 60, mais precisamente final de 1966, e nunca foi considerado um movimento como outros que tinham na frente a palavra “novo”. Essa década foi marcada, nos Estados Unidos, por uma grande efervescência cultural, de transformações sociais e comportamentais, embebidas pela contra-cultura. Entretanto, alguns autores acreditam que o Novo Jornalismo não é tão novo assim. Muitos explicam que esse tipo de narrativa, com fonte inspiradora no realismo social, já era usado por autores como Honoré de Balzac, Charles Dickens e Daniel Dafoe, desde século XVII. Eles, já nessa época, usavam os recursos técnicos do ponto de vista, o registro fiel da realidade e a construção cena a cena.

Mas foi Truman Capote, ao lançar *A sangue frio*, que denomina seu trabalho como romance de não-ficção. Vários desses trabalhos que tinham como viés recursos técnicos da literatura ficcional, principalmente o uso do fluxo de consciência, foram combatidos tanto pela comunidade literária quanto jornalística. Porém,

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (WOLF, 2005, p. 28)

Existem vários métodos de captação (histórias de vida, documentação, visão multidimensional), mas se pretende, aqui, enfatizar apenas uma: a observação participante. Esse método teve seu auge nos Estados Unidos, na década de 60, também com o *new journalism*. Muitas coisas estão passando por transformação nessa época e o modo de captação do real não podia ficar de fora. Segundo Lima (2009) não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade e presença. “Isto é, com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando

viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens.” (LIMA, 2009, p. 122-123).

Ao escrever uma reportagem, o autor do livro começa um jogo tácito com o leitor. O autor tem um papel interessante de atrair o leitor, a fim de que este leia toda a obra numa mescla entre o mundo emocional e o real. A linguagem deve ser convidativa. A fruição pelo texto tem essa finalidade ao gratificar o leitor, conduzindo-o a narrativa. “Leva o leitor a uma nova desordem e permite que ele próprio constitua um reordenamento possível, para o qual o próprio texto oferece sua contribuição.” (LIMA, 2009, p. 139) E mais,

(...) tocar o leitor, sensibilizá-lo, estimulá-lo, movê-lo para que a comunicação se dê. Todo processo de comunicação causa um efeito no receptor, mas esse efeito só é eficaz, do ponto de vista do emissor, se antes há o contato comum, o elo de ligação que se transforma no portal conhecido pelo qual o leitor avança para o universo desconhecido que a obra propõe. Por associações de idéias, memórias, identificações e projeções – nos níveis intelectual, emocional –, o leitor pode sentir-se algo familiarizado com o mundo contido no livro, inclinado a penetrá-lo. (LIMA, 2009, p. 143)

O autor ainda propõe uma classificação para configurar os mais variados tipos de livro-reportagem existentes, sem esgotar outras possíveis modalidades. São: livro-reportagem-perfil, livro-reportagem-depoimento, livro-reportagem-retrato, livro-reportagem-ciência, livro-reportagem-ambiente, livro-reportagem-história, livro-reportagem-nova consciência, livro-reportagem-instantâneo, livro-reportagem-atualidade, livro-reportagem antologia, livro-reportagem-denúncia, livro-reportagem-ensaio e livro-reportagem-viagem.

Além disso, Lima também propõe ao jornalismo literário o alicerce da transdisciplinaridade: “Minha proposta nessa direção é o jornalismo literário avançado, que integra, uma síntese, contribuição de distintos campos de conhecimento, alavancando um novo conjunto de paradigmas para a compreensão do real.” (LIMA, 2009, p. 438)

Após perpassar pelo mérito da reportagem e do livro-reportagem, reservam-se aqui alguns parágrafos para retratar o que mais interessa ao realizador desse artigo, a biografia, também um gênero literário de não ficção, em componente híbrido, tratando-se de um trabalho duro, pessoal e subjetivo. O objetivo maior da biografia é justamente gerar conhecimento sobre o passado de alguma pessoa. “A verdade e a ficção tecem o realismo da biografia, e as formas de subjetividade contemporânea entrelaçadas na vida do biografado compõem um jogo de intervenções entre vários campos do saber:

história, semiótica, filosofia, literatura, jornalismo e psicologia” (VILAS BOAS, 2002, p. 38).

Até metade do século XVIII quase não existia biografias em que o centro fosse apenas uma pessoa. Ao contrário, eram grupos de pessoas que estavam em destaque, principalmente nobres, reis, pintores e até poetas. Isso era viável, pois o objetivo, na época, era traçar o perfil de alguém pela glória de Deus. Escritores como Samuel Johnson e James Boswell foram considerados os precursores da biografia moderna. Antes, a relação dos heróis biografados se limitava aos pais e amigos, e seu passado, sua infância, muitas vezes, não era reflexo do caráter de transição do indivíduo. Hoje já acrescenta a estes, família de um modo geral, parentes e, até mesmo, inimigos.

A historiografia está inserida na biografia de forma determinadora, uma vez que ela “contempla pesquisa, interpretação e recursos normativos” (VILAS BOAS, 2002, p. 19). Além disso, pelo fato de um dos objetivos da biografia ser gerar conhecimento sobre o passado de alguém, a história é uma das fontes indispensáveis. Ao gerar esse conhecimento sobre o passado, algo começou a ser questionado pelos críticos literários: quais os direitos e até que ponto deveria revelar a vida privada de uma pessoa?

As biografias são classificadas em: biografias autorizadas, independentes, encomendadas e ditadas. Aqui merece destaque apenas a primeira, em que são escritas e publicadas com a autorização do biografado e dos entrevistados que ajudarão a compor o livro-reportagem. Alguns críticos enfatizam a importância das biografias independentes (as que são escritas sem o consentimento do biografado) por considerar que o acesso às informações autorizadas pode prejudicar a boa biografia quando, por exemplo, o biografado se sente no direito de suprimir trechos ou capítulos do livro. Entretanto, “insistir em narrar uma biografia independente pode significar não acessar arquivos importantes.” (VILAS BOAS, 2002, p. 49)

É notória como a biografia influencia o comportamento humano tanto do biografado quanto do biógrafo e, principalmente, do leitor. E quanto mais o biografado for uma “celebridade”, mais os leitores se interessam por sua vida, mesmo não se identificando com ela. Entretanto, é válido ressaltar que essa preferência por personalidades em destaque, principalmente do ponto de vista do autor, está cada vez mais diminuindo. Os homens vistos como comuns estão entrando nesse cenário e ganhando destaque para serem biografados, que é o que acontece(u) com Damário Dacruz.

Damário Dacruz, o poeta da fotografia

Leonino, filho de Oxossi e gêmeo de Damari, Damário Matos Dacruz ou “Dam”, para os íntimos, é pai de Damini e Dimitri Dacruz. Fez parte da entidade Hora da Criança, dirigida pelo arte-educador Adroaldo Ribeiro Costa. Com 21, iniciou suas viagens ao exterior, quando conviveu com guerrilheiros latino-americanos pela Bolívia e Peru.

Mas foi com 15 anos que surgiram os seus primeiros versos escritos. Ainda na sala de aula do ginásio, quando todos discutiam matemática, “algo em mim e além de mim me fez rebelde e parei de escutar a professora para obedecer apenas o meu desejo em criar”. Aqueles seus primeiros versos o deixaram mais feliz do que um dez no boletim. “A poesia me fez ir para as ruas colecionar ventos perigosos”, informa.

Filho e neto de comerciantes e caixeiro do armazém-empório Sulamericano aos nove anos, Dacruz fala de seu pai com certa tristeza na voz. Daniel Dacruz, já falecido, marcou a vida do poeta em dois momentos. O primeiro quando ele ainda tinha 17 anos, em que viu um “pai de família” ser demitido por seu pai. O segundo, quando seu pai o expulsou de casa por “Dam” ter escolhido fazer Jornalismo e não Engenharia. Mas nada disso fez com que ele deixasse de escrever os seus versos.

TODO RISCO

A possibilidade
de arriscar
é que nos faz homens.
Vôo perfeito
no espaço
que criamos.
Ninguém decide
sobre os passos que evitamos.
Certeza
de que não somos pássaros
e que voamos.
Tristeza
de que não vamos

por medo dos caminhos.

Durante sua carreira, Damário escreveu vários poemas, mas, sem dúvida, *Todo risco* é o poema mais conhecido dele. As quatro primeiras edições do livro venderam tanto nas livrarias de Salvador que foram suficientes para comprar o Sobrado. Já foi traduzido para várias línguas e foi também tema de vestibular da Universidade do Rio de Janeiro na década de 90. O texto circula em várias páginas na internet através de sites, blogs e artigos. Em setembro de 2008, o poema *Todo Risco* foi tema central do Congresso de Educadores da Universidade Federal da Bahia.

Segundo Dacruz, as fotografias, em comparação às suas poesias, apesar de complementares, são mais racionais. Ela começou, na observação do fotógrafo, quando do seu desejo, ainda na adolescência, em ter uma câmera daquela exposta nas vitrines de Salvador. Mas sabia que seus pais jamais dariam um presente. Daí, ele teve que aguardar a maioridade, ter o seu primeiro emprego e, nas primeiras férias, comprar a sua primeira câmera. Uma Yachica, lente fixa de cristal azulada, 35mm, 1.4. E foi com ela que viajou para Bolívia tirar suas primeiras fotos. E diante a tanta exuberância boliviana, exuberância de paisagens, Damário começou a fotografar pessoas. E foi ali, naquele momento, que ele entendeu que seria muito mais um fotógrafo de gente do que de paisagem.

Dacruz, criador da linguagem Fotopoema, em Brasília, em 1981, já publicou três livros. *Vela Branca*, em 1973; *Todo Risco*, *O ofício da Paixão*, de 1993, e *Segredo das Pipas*, em 2003. Além disso, é o idealizador e coordenador-geral do Espaço de Arte, Cultura e Comunicação – Pouso da Palavra –, localizado em Cachoeira. Lá ele realiza atividades de divulgação das diversas linguagens artísticas da região, provocando a criatividade e ampliando o acesso da população.

Qual a importância de Damário Dacruz para Cachoeira e sua interferência na vida social e cultural da cidade? Essa é uma pergunta muito simples de responder. Primeiro Damário Dacruz contribuiu socialmente e culturalmente para a cidade de Cachoeira com a criação da casa de cultura Pouso da Palavra como já foi relatado. Além disso, através de sua obra – poesia e fotografia – ele mostrou Cachoeira para o Brasil e para o mundo e incentivou e divulgou artistas do Recôncavo Baiano.

- *Sou soterocachoeirano, apesar de ter trocado o mar pelo rio. Considero o mar exagerado, incerto. Já o rio, tenho a certeza de que ele sempre seguirá para frente.*

Ao chegar à cidade, Damário despertou curiosidade em muitos moradores. “Quando me estabeleci de forma mais concreta, em Cachoeira, alguns pensaram que eu tinha vindo para fazer política partidária, que a minha intenção era ser vereador ou prefeito”. Mas a cidade já era uma das suas paixões desde os quinze anos de idade “e eu tinha certeza de que um dia ela retomaria a sua trilha de brilho”, conclui Damário.

É válido ressaltar que este artigo pretendeu apenas mostrar parcialmente flash da vida e da obra do poeta e fotógrafo Damário Dacruz, com o intuito de relatar a importância que este apresenta na sociedade baiana e brasileira. A partir deste artigo, pretende-se também levantar questionamentos acerca da temática e do produto, que será resultado dessa pesquisa, a fim de enriquecer ainda mais a biografia.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **História Oral - A experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 6ªed.,1998.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1997.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: editora Brasiliense, 1993.

_____. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente – narrativas do cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos – jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. **Perfis**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLF, Tom. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.